



RELATÓRIO DE PESQUISA Sobre os brasileiros na Austrália



Eduardo Picanço Cruz

Daniele Maria Oliveira de Jesus

Roberto Pessoa de Queiroz Falcão

Luiz Antonio Coelho Lopes

Fernando Celso Petri

Ygor Marques de Melo

Ricardo Moura de Souza Junior



RELATÓRIO DE PESQUISA

Sobre os brasileiros na Austrália

Eduardo Picanço Cruz

Daniele Maria Oliveira de Jesus

Roberto Pessoa de Queiroz Falcão

Luiz Antonio Coelho Lopes

Fernando Celso Petri

Ygor Marques de Melo

Ricardo Moura de Souza Junior

1ª edição

Niterói
2016

Agradecimentos

Australia-Brazil Business Council

ABCC – Australia Brazil Chamber of Commerce

Consulado Geral do Brasil em Sydney

Education, Science & Technology, Innovation and Culture Section

Embassy of Brazil in Canberra, Australia

Revista Radar Magazine

ABRISA - Associação Brasileira para o Desenvolvimento Social e Integração na Austrália

Sumário

Introdução **5**

Imigração Brasileira na Austrália e os dois fluxos migratórios **7**

As associações de brasileiros na Austrália **9**

A pesquisa com brasileiros na Austrália **9**

Resultados **11**

Conclusões **24**

Referências **25**



1. Introdução

A relevância de se pesquisar sobre o tema da imigração é corroborada pelo debate cada vez mais presente na imprensa internacional. Neste contexto, notícias cada vez mais frequentes abordam desde a questão dos refugiados sírios e africanos em direção à Europa, como os polêmicos discursos do candidato à presidência americana Donald Trump, o qual enfatiza a questão mexicana nos EUA.

Alguns países desenvolvidos possuem voz e participação mais ativa no debate contemporâneo a respeito de contingentes migratórios. Dentre estes destacam-se, além dos EUA, a Alemanha, a Suíça, o Reino Unido, a Austrália, a Espanha e Portugal, devido à existência de numerosas comunidades estrangeiras em suas sociedades (Firmeza, 2007).

Este estudo exploratório sobre imigração brasileira integra um programa de pesquisas conduzido atualmente em três países: Japão, Austrália e Estados Unidos. O foco do grupo de pesquisa da Universidade Federal Fluminense, que assina o estudo em tela, é o empreendedorismo migrante. No entanto, para que seja possível entender a realidade dos empresários faz-se necessário compreender o contexto local a partir do olhar do sujeito migrante, membro de uma comunidade étnica no exterior.

O objetivo deste relatório de pesquisa é o de suprir a comunidade acadêmica e os estudiosos dos temas ligados à imigração, com dados relevantes acerca da realidade dos brasileiros no exterior. Este trabalho foi baseado em um levantamento tipo *survey*, realizado com uma comunidade de imigrantes brasileiros que vivem na Austrália durante os meses de outubro de 2015 e janeiro de 2016.

Os trabalhos iniciaram-se com o mapeamento das comunidades de imigrantes brasileiros que vivem na Austrália, e que estão presentes no Facebook, ou mesmo nas páginas de internet das associações brasileiras, apresentadas na seção dos agradecimentos. Para este estudo foi realizada uma avaliação dos perfis sócio demográficos dos imigrantes brasileiros na Austrália. Buscou-se também traçar correlações estatísticas entre os diversos fatores que impulsionaram a imigração e alguma das características do seu perfil. Estas correlações também levaram a achados bem interessantes.

Numa segunda parte da apresentação dos resultados, os dados apontam para uma intenção futura de empreender por parte dos indivíduos pesquisados. Foi identificado que 38,2% dos entrevistados têm intenção de empreender na Austrália. Destes, 62% vislumbraram oportunidades de negócios como razões para a criação da empresa. Os demais 38% tinham na necessidade de sobrevivência a razão de empreenderem.

1.1. Goodbye Brazil

A comunidade migratória brasileira mais consolidada e numericamente mais robusta se situa nos Estados Unidos, mais precisamente nos estados de Massachussets, Flórida e Nova Iorque. O Japão também conta com uma significativa comunidade brasileira de decasségus, que já estão há mais de 30 anos estabelecidos no país. Estes apresentam uma característica de migração circular, retornando de tempos em tempos ora a seu destino e ora à sua origem.

A Austrália e Canadá são os destinos favoritos de jovens imigrantes. Embora ambos sejam países continentais que se assemelham ao Brasil, um ponto de diferenciação entre ambos diz respeito a seu clima. Muitos buscam a Austrália não só pelo aprendizado do idioma inglês, pela possibilidade de se trabalhar em paralelo aos estudos ou pela qualidade de vida, razões estas que serão detalhadas neste relatório. Outrossim, como ficou fortemente evidenciado, o “clima quase brasileiro” passa a ser uma “vantagem competitiva” da Austrália sobre o Canadá, fator este que influencia a decisão de imigrar ou mesmo de realizar um intercâmbio estudantil, ou período de aprendizado do idioma.

Segundo Firmeza (2007), do Ministério das Relações Exteriores:

(..) o pouco que se conhece do perfil das comunidades brasileiras advém de registros consulares, relatórios de gestão e análises diversas enviadas pelos postos, além de eventuais estudos acadêmicos e artigos de imprensa. De modo geral, sabe-se hoje que, com exceção dos trabalhadores agrícolas e dos garimpeiros em regiões fronteiriças da América do Sul, os brasileiros que partiram no bojo dessas grandes migrações iniciadas nos anos 1980 não provinham das camadas de mais baixa renda da população. Eram majoritariamente egressos das classes médias urbanas. Em termos geográficos, as comunidades estão dispersas pelo Mundo. Já começam a consolidar-se, por exemplo, núcleos de concentração de brasileiros na Oceania, com estimados 5 mil brasileiros na Austrália e 3 mil na Nova Zelândia.

Um relevante estudo a respeito dos milhares de brasileiros emigrados, foi o realizado pela antropóloga Maxine Margolis no livro “Goodbye, Brazil – Emigrantes brasileiros no mundo”. Essa pesquisadora se apóia em uma pesquisa documental, bibliográfica e empírica. A autora trata em seu estudo de brasileiros emigrados para os Estados Unidos da América, como também para outros destinos: Europa Continental, Inglaterra, Irlanda, Japão, Austrália e demais países da América do Sul.

Margolis (1998) revela também as contradições e conflitos entre as classes sociais, os quais também se reproduzem no contexto migratório. Aspectos relativos às crianças e adolescentes também têm destaque nas experiências migratórias relatadas pela antropóloga, sobretudo quanto aos conflitos de identidade e de inserção nas sociedades de destino. Estas, ao assimilarem os valores daquela sociedade e, com o passar do tempo, já não se reconhecem mais como brasileiras. Da mesma maneira os filhos de brasileiros nascidos no exterior muitas vezes não falam o português, o que poderia ser um impeditivo para o retorno desta família ao Brasil.

Outro fator interessante levantado pela obra está descrito em um capítulo dedicado exclusivamente à religião. Sejam nos templos evangélicos, nas comunidades católicas brasileiras ou mesmo no espiritismo, encontram-se importantes centros de convergência e suporte espiritual, psicológico e material das comunidades brasileiras no exterior. Diante de todas as dificuldades cotidianas enfrentadas, tais como a barreira idiomática, a xenofobia, a inserção na sociedade de destino, as dificuldades de se conseguir trabalho, da insuficiência alimentar ou econômica, os compatriotas buscam refúgio nos diversos templos e igrejas.

A autora também relata a “síndrome do regresso”, experimentada pelos que retornam ao Brasil, seja pelos efeitos psicológicos de tristeza ou depressão, ou mesmo pelo inconformismo em aceitar a ineficiência das instituições no país.

Vale ressaltar o que também expõe Margolis (1998), relativo à contradição entre o que é oferecido como informação aos brasileiros no exterior e a realidade enfrentada por eles. Segundo a autora, tampouco há somente um tipo de imigrante. Aqui cabe uma distinção entre os investidores que adquirem um imóvel na Flórida e montam seus negócios, dos brasileiros que migraram para os EUA pela “rota mexicana”, atravessando a fronteira, guiados por um ‘coiote’. Há também significativas diferenças entre os primeiros trabalhadores decasségus, de origem nipônica, que foram trabalhar nas plantas automotivas japonesas, no final da década de 1980 e início de 1990, dos milhares de brasileiros que migraram para a Europa, com dupla cidadania. Outro grupo totalmente diverso é o dos jovens de classe média alta que foram inicialmente estudar inglês ou cursar uma pós-graduação na Austrália ou Canadá e por lá ficaram.

De acordo com as estimativas do Ministério das Relações Exteriores [MRE] do Brasil existem 3.105.922 de brasileiros morando além das fronteiras. Porém, diversos autores destacam que os deslocamentos administrativamente irregulares conformam uma das principais características da emigração brasileira.

O MRE (2016) também destaca que 36,5% dos brasileiros no exterior estavam em situação migratória irregular em 2013. Porém, todas as fontes bibliográficas levantadas para o presente relatório de pesquisa indicam que os números oficiais, mesmo quando são estimados, são muito conservadores. Apenas como exemplo, em 2007, os dados oficiais diziam que havia 8000 brasileiros morando do Reino Unido, porém as estimativas consulares brasileiras indicavam um número de 150.000. No entanto, Evans et al. (2007) destaca que as organizações brasileiras no mesmo país estimavam 200.000 indivíduos.

Tabela 1: Brasileiros pelo mundo – ano base 2013

Estimativa	País
1.315.000	Estados Unidos da América
349.842	Paraguai
179.649	Japão
166.775	Portugal
128.638	Espanha
120.000	Reino Unido
113.716	Alemanha
81.000	Suíça
70.000	França
69.000	Itália
48.000	Bélgica



47.045	Argentina
39.300	Canadá
38.700	Guiana Francesa
28.546	Bolívia
27.000	Austrália
21.948	Países Baixos
17.000	Colômbia
17.000	Guiana
16.700	China

Fonte: Dados do MRE (2016)

2. Imigração Brasileira na Austrália e os dois fluxos migratórios

Apesar de apresentar um território de proporções continentais (7,6 milhões de km²), sendo o sexto maior país do planeta, a Austrália apresenta apenas a quinquagésima primeira maior população total, representada por aproximadamente 24 milhões de pessoas. Em consequência destes dois fatos, a Austrália possui uma das menores densidades demográficas em todo o mundo (cerca de três pessoas por km²), gerando uma demanda constante por pessoas, especialmente para suprir a falta de mão de obra, algo recorrente nesta nação.

Portanto, assim como muitos outros países, a Austrália precisou recorrer aos movimentos migratórios para suprir suas carências populacionais, estabelecendo políticas de incentivo a imigração. O plano de atração de imigrantes do Governo Australiano foi tão bem-sucedido, que por diversos anos foram registrados mais de 100.000 novos ingressos no país.

A taxa de imigração para a Austrália atingiu seu pico no período após a Segunda Guerra Mundial, quando o governo lançou oficialmente programas de imigração, principalmente a partir do medo gerado após uma tentativa de invasão ao país por parte do Japão. Foi a partir deste momento que a Austrália passou a receber migrantes de todas as partes do mundo, motivo pelo qual hoje observamos dezenas de comunidades étnicas diferentes, espalhadas pelo país, bem exemplificado por sua maior cidade, Sydney, nomeada de “cidade global”.

Segundo Rocha (2006), a imigração brasileira para a Austrália vivenciou dois momentos distintos. Os primeiros imigrantes brasileiros chegaram no início de 1970, atraídos por um regime de apoio do governo australiano. Estes eram migrantes pobres e que ainda hoje pertencem à classe trabalhadora. Seu destino, não identificado pela autora, foi uma região onde havia uma colônia portuguesa já estabelecida.

A autora descreve ainda que a segunda onda começou a chegar no final de 1990. Em contraste com o primeiro grupo, estes já eram profissionais altamente qualificados e pertenciam à classe média-alta. Eles imigraram como estudantes ou em busca de uma vida melhor, sendo que acabaram se estabelecendo no país. Na realidade, a maioria dos novos imigrantes entrevistados por Rocha (2006), estavam entre Canadá ou Austrália como destino para imigrarem. No entanto, o fator decisivo foi o clima quente e a cultura de praia. Indivíduos deste grupo costumavam ocupar postos de trabalho mais qualificados, frequentemente imigravam individualmente, falavam fluentemente o idioma inglês, tinham mais facilidade de se socializar, sendo que alguns até casavam com australianos.

2.1. Trabalho e estudo

De fato, o que leva muitos brasileiros a partirem para uma experiência internacional na Austrália é a possibilidade de conciliar trabalho e estudo. Devido a esta característica importante que os impele a imigrarem, apresenta-se a seguir algumas informações importantes.

O Governo Australiano permite que estrangeiros com um visto de estudante possam trabalhar até 20 horas semanais na época de aulas e horas ilimitadas em época de férias do curso. Os familiares também têm permissão para trabalhar pelo mesmo período do visto do estudante. Desta forma, a experiência internacional se torna autofinanciável, ou pelo menos custeia viagens e lazer durante a estada dos estudantes. A regra também dá também a possibilidade de se trabalhar após os estudos no País, por prazo limitado.

Grande parte dos estudantes consegue empregos de meio expediente como garçom, babás, jardineiros, ou em hotelaria, vendas, informática, restaurantes, colheita de frutas, etc.

Já o número de horas permitido varia de acordo com cada categoria de estudos. Estudantes de cursos de Inglês, cursos técnicos, cursos universitários de graduação ou pós-graduação (como MBA) são autorizados a trabalhar 40 horas (no máximo) a cada 2 semanas, durante o período de estudos e horas ilimitadas durante seu período de férias do curso. Já no caso de estudantes de cursos de pós-graduação que envolvam pesquisas (como Mestrados ou Doutorados), as horas de trabalho são ilimitadas durante todo o período do visto.

O Governo Australiano também concede visto de trabalho para estudantes que completaram um curso universitário na Austrália, sendo o período de trabalho permitido de acordo com o nível do curso, conforme abaixo:

- Estudantes de bacharelado, MBA, ou Mestrado Profissional conseguem visto de trabalho de dois anos após sua formatura.
- Estudantes de Mestrado Acadêmico, que envolvam pesquisa conseguem um visto de trabalho de três anos após sua formatura.
- Estudantes de Doutorado – Visto de trabalho de quatro anos após sua formatura.

Esse fato, conforme veremos nos dados, faz parte da chamada “imigração seletiva”, pois é facilitada para indivíduos que tiveram um alto grau de investimento em seu ‘capital humano’.

2.2. A quantidade de brasileiros na Austrália

Os dados disponíveis sobre a quantidade de brasileiros no exterior sofrem com a falta de informação gerada pela movimentação administrativamente irregular, conforme já destacado. A desatualização de informações devido à temporalidade dos censos populacionais locais é outro limitante. Apesar dos esforços do Itamaraty e da intenção do censo australiano em divulgar novos dados agora em 2016, muito dificilmente estes representarão a real proporção dessa população por diversos fatores:

- Existem muito poucos estudos sobre a imigração brasileira para a Austrália e os dados não são totalmente confiáveis. Isso por que a os estudos e pesquisas acadêmicas feitas aconteceram no início desse processo migratório.

- Diferentemente de outros países como Estados Unidos e Inglaterra, onde os dados oficiais e a estimativa não oficial são extremamente discrepantes, devido à imigração ilegal, na Austrália esses números não diferem tanto. Dado o enorme incentivo feito pelo Governo Australiano para a chegada de novos imigrantes no país, promove-se um censo a cada cinco anos para o controle do número de imigrantes no país.

O Censo Australiano mais recente foi realizado em 2011, e aponta para pouco mais de 14.000 brasileiros vivendo em solo australiano. Destes, 45% (cerca de 6.300) moram no Estado de Nova Gales do Sul e 86% deste, ou cerca de 5.400, viviam especificamente em Sidney. Estes dados refletem que quase 40% dos brasileiros se aglomeravam em uma única cidade no país. Isso nos facilita a identificar um possível ‘enclave étnico’ brasileiro a ser estudado.

A classificação etária apresentada no censo também diz que a faixa de idade com maior representatividade é a faixa entre 30 e 39 anos com 37% dos brasileiros (sendo que 50% estão entre 30 e 49 anos). A escolaridade também é bem definida, com 47% dos imigrantes brasileiros tendo ensino superior completo. Mesmo tendo alta qualificação 50% destes trabalham em cargos menores, como prestadores de serviços ou atendentes (garçons, encanadores, babás, etc.). O número total estimado de brasileiros na Austrália em 2009, segundo o Itamaraty, era de 18.400. A estimativa de 2014 do mesmo Órgão é de 45.300. Essa variação quinquenal assemelha-se ao incremento do fluxo migratório da população brasileira para território australiano, pelos dados oficiais do Censo Australiano. Como referência, os dados de 2006 informavam um número de 6.000 brasileiros na Austrália, já em 2011 este número passou para 14.000.

Os brasileiros na Austrália (brasil-australianos ou brasileiros australianos) têm conquistado seu lugar na sociedade australiana através de expressões culturais como o jiu-jitsu, a capoeira, e a música. A cultura brasileira tem sido bem aceita pelos australianos, e em várias cidades é possível perceber pequenas influências, como na maneira de se vestir nas praias, ou nas disputadas festas com músicas e comidas típicas – as ‘noites brasileiras’. Sidney é uma cidade icônica, e, portanto, a que mais recebe imigrantes em toda a Austrália. Ela também é muito procurada pelos intercambistas. Especificamente para os intercambistas brasileiros é a quarta cidade no mundo mais procurada. Em

termos gerais, também é a cidade que mais recebe brasileiros e, por conseguinte, onde a maioria se estabelece, até constituindo negócios. As empresas de brasileiros em Sydney têm seu maior foco em prestação de serviços, como academias com aulas de diversas lutas e cursos para estudantes internacionais, além, é claro, dos restaurantes, bares e comércio em geral.

3. As associações de brasileiros na Austrália

Em relação às representações oficiais, além da Embaixada brasileira localizada em Camberra e do Consulado Geral localizado em Sydney, os brasileiros morando na Austrália contam também com o auxílio e os serviços de uma ampla rede de outras organizações voltadas a atendê-los.

Reconhecida por ambos os governos, a BRACCA (Brazilian Community Council Australia) é uma instituição sem fins lucrativos sediada em Sydney, com objetivo de auxiliar a comunidade brasileira na Austrália em relação à suas necessidades junto a ambos os governos. Ela também busca a promoção da cultura brasileira no país e o intercâmbio cultural. Dentre as atividades por ela desenvolvidas está também a integração de brasileiros recém-chegados ao país junto ao restante da comunidade. São também responsáveis pela organização de eventos e festivais para o público brasileiro, além de providenciar informações, suporte e serviços, como traduções de documentos, para os sócios, que pagam um valor anual de acordo com o tipo de associação.

A ABRISA (Associação Brasileira para o Desenvolvimento e Integração Social na Austrália) mantém objetos semelhantes, como o de promover a integração e o auxílio à comunidade brasileira. No entanto sua atuação concentra-se em Melbourne. Seus sócios recebem benefícios como descontos e acesso a eventos organizados pela associação.

Existem ainda associações de brasileiros situadas em outras cidades australianas, como a BACANA (Brazilian Association of Canberra), a BAQ (Brazilian Association of Queensland) e a Brazil WA (Brazilian Association of Western Australia).

Encontram-se também diversos veículos de imprensa voltados para o público brasileiro em solo australiano. As associações supracitadas, ABRISA e BRACCA, mantêm suas próprias revistas em circulação. Dentre as publicações de destaque, está também a “Falamos Português”, periódico bimestral e bilíngue, há seis anos atendendo os lusófonos na Austrália. Outra relevante revista é a “Radar Magazine”, em circulação desde 2008, distribuída gratuitamente na Austrália e com foco no público brasileiro e de latino-americano. Há ainda diversos programas de rádio voltados aos brasileiros, como os realizados pelas emissoras “SBS” e “Eastside FM”. Na área do comércio, encontramos a ABCC (Australia Brazil Chamber of Commerce), que é uma câmara de comércio sem fins lucrativos criada em Sydney em 1978. Esta trabalha em conjunto com a Embaixada brasileira na Austrália, a Embaixada Australiana no Brasil e diversas outras câmaras de comércio. A ABCC visa estabelecer relações comerciais entre os dois países, bem como auxiliar na entrada de empreendimentos brasileiros no mercado australiano, e vice-versa, oferecendo oportunidades de networking e estimulando a troca de informações, o contato entre seus membros, e a oferta de diversos serviços. Dentre estes serviços, destacam-se a publicidade em seu site e newsletter, a apresentação para outras câmaras de comércio e órgãos governamentais, além da participação em seminários, workshops, feiras e outros eventos.

4. A pesquisa com brasileiros na Austrália

O trabalho teve inspiração na pesquisa de Baltar e Icart (2013) que conseguiram mobilizar 924 argentinos vivendo na Espanha via redes sociais como o Facebook, para responderem a uma pesquisa à distância. Dessa forma, optou-se por usar metodologia semelhante para atingir aos brasileiros morando na Austrália e Japão¹.

¹ O método não foi promissor na comunidade brasileira no Japão. Foram recebidas poucas respostas que não chegaram a serem validadas pelas técnicas de amostragem disponíveis.

Inicialmente, foram levantadas as principais comunidades brasileiras na Austrália via facebook. A tabela 2 apresenta a relação das principais comunidades:

Tabela 2: Grupos do facebook estudados (link e membros)

Cidade	Grupo com maior número de membros	Link
Sydney	29.663	www.facebook.com/groups/brasileirosemsydney/
Adelaide	1.325	www.facebook.com/groups/BrasileirosAdelaide/
Brisbane	13.875	www.facebook.com/groups/brasileirosbrisbane/
Perth	7.574	www.facebook.com/groups/BrasileirosPerth/
Gold Coast	9.004	www.facebook.com/groups/brasileirosemgoldcoast/
Canberra	308	www.facebook.com/groups/195697393800642/
Newcastle	261	www.facebook.com/groups/217495811720977/
Sunshine Coast	1.923	www.facebook.com/groups/brasileirosemsunshinecoast/
Geelong	199	www.facebook.com/groups/673448026058005/
Townsville	157	www.facebook.com/groups/brasileirosemtownsville/
Cairns	300	www.facebook.com/groups/estudantesbrasileirosemcairns/
Darwin	139	www.facebook.com/groups/brasileirosemdarwin/
TOTAL	64.728	

Fonte: desenvolvimento próprio

Apesar de ser um dado conhecido, que nem todos os membros destas comunidades são realmente moradores da Austrália, os bolsistas do projeto de pesquisa cadastraram-se nestes grupos, e em outros menos expressivos, com o intuito de divulgar o link do questionário.

O questionário de pesquisa, que consta nos anexos deste, envolveu perguntas sobre o perfil do respondente, motivos de saída e escolha do destino, particularidades sobre a situação em que se encontravam e intenções de migração. O ponto de partida para o referido questionário foi o estudo de Evans et al (2007) com a comunidade brasileira em Londres.

Ainda segundo Evans et al (2007), outros correlatos e as observações do Itamaraty acerca da dificuldade de calcular o número de brasileiros nos diversos países devido aos deslocamentos administrativamente irregulares² exigiram uma precaução por parte da equipe de trabalho para com a determinação do paradigma do que seria considerada a população estatística.

Nesse sentido, foram feitas algumas simulações através do software de cálculo amostral do site <http://www.publicacoesdeturismo.com.br/calculoamostral/>.

Tabela 3: Simulações para definição do tamanho da amostra da pesquisa

Fonte	População	Erro amostral	Nível de confiança	Amostra sugerida
Censo Australiano de 2011	14000	5%	95%	374
Censo Australiano de 2011	14000	4%	95%	576
Estimativa Itamaraty	45300	5%	95%	381
Estimativa Itamaraty	45300	4%	95%	593
Dobrando a estimativa	90600	5%	95%	383
Dobrando a estimativa	90600	4%	95%	597

Fonte: desenvolvimento próprio

² Descritos no item 1.1 do presente relatório



O link do questionário de pesquisa foi criado a partir do GoogleDocs e disponibilizado no início de novembro de 2015. Diversas chamadas foram feitas através dos grupos do Facebook e, para evitar um viés voltado para a população mais jovem³ foram feitos contatos com diversas associações de brasileiros na Austrália, descritas no item 3 deste relatório. Além disso, destaca-se o apoio oferecido pela Embaixada Brasileira em Camberra e o Consulado Brasileiro em Sydney. Estes parceiros divulgaram o link do questionário para sua base de contatos.

Durante os meses de novembro de 2015 a janeiro de 2016, o questionário foi respondido por 610 pessoas, número este que atende a todas as simulações de amostragem realizadas na tabela 3.

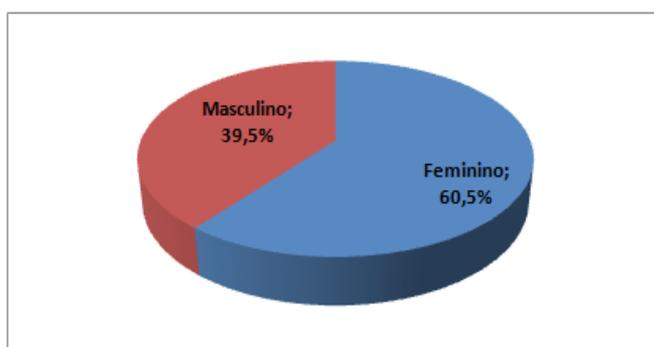
Em seguida os dados foram compilados para o Excel, tabulados e apresentados conforme a seguir.

5. Resultados

5.1. Perfil demográfico dos brasileiros na Austrália

Ao contrário do que foi encontrado por Margolis (1998) em Nova York e Evans *et.al.* (2007) em Londres, onde o gênero majoritário dos brasileiros era masculino, na Austrália, esse dado aponta para uma predominância feminina (60,5%).

Gráfico 1: Distribuição por gênero



Fonte: Dados da pesquisa

Pedroso (2011) identificou através de um estudo da Organização Internacional para as Migrações [OIM], que na Bélgica havia também maior ocorrência do gênero feminino, embora com um percentual de 53%. Este dado despertou uma curiosidade nos pesquisadores para investigarem em maior profundidade se havia alguma correlação de algum aspecto da imigração com o fato de mais mulheres do que homens procurarem a Austrália.

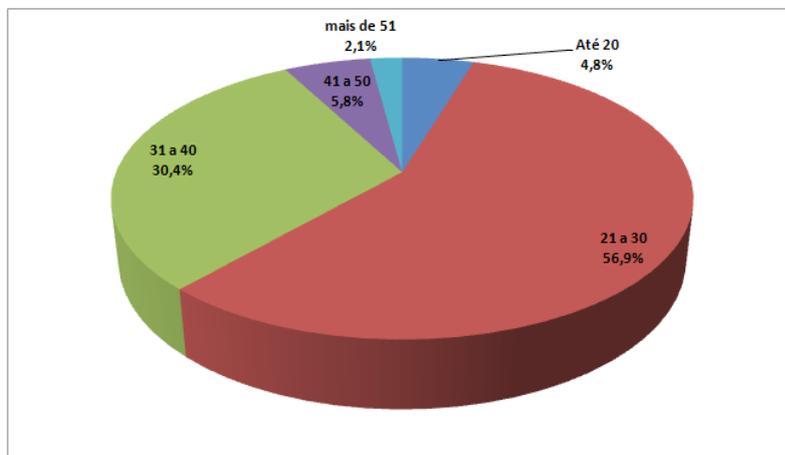
Em relação à idade dos imigrantes, 87,3% encontravam-se, entre 21 e 40 anos de idade, o aponta, em um primeiro momento, para a hipótese de um intercâmbio tradicional. Nesse sentido, os pesquisadores fizeram um levantamento do número de agências que atuam com esse tipo de serviço para brasileiros que pretendem viajar para a Austrália, visando obter a magnitude dessa modalidade de saída ‘temporária’ do país. Os resultados identificaram pelo menos 52 agências de intercâmbio. Destas, 21 são agências de origem internacional que atuam junto ao público brasileiro e 10 delas fazem intercâmbio exclusivo para a Austrália. Outro dado interessante é que as opções variam em termos de preço e qualidade para os diversos perfis de candidato.

Os dados do Gráfico 9 mostram que a saída se dá, inicialmente, para o aperfeiçoamento do idioma inglês ou para a realização de uma graduação (através do programa Ciências Sem Fronteira) ou mesmo de uma pós-graduação. Porém, quando confrontamos os dados relativos às idades com questões como “qual seu propósito na Austrália?”, e, “quanto tempo pretende ficar?”, surge o entendimento de que a saída para estudos pode ser considerada, na verdade, como um artifício para a imigração definitiva.

³ Mesmo que as poucas fontes de informações indiquem que a maioria dos brasileiros na Austrália é jovem.

Como o meio de pesquisa descrito na metodologia foi o digital, poder-se-ia argumentar que a predominância da faixa etária jovem está alinhada com o uso que estes fazem das redes sociais. No entanto, destacamos que o trabalho das associações brasileiras na Austrália foi fundamental na tarefa de divulgar o questionário online para os brasileiros residentes na Austrália. Ademais, de acordo com o Censo Australiano de 2011, 88,6% da população brasileira na Austrália tem menos de 50 anos. Podemos entender que os dados são decorrência da política de vistos de estudante e a possibilidade de trabalho durante e após a formatura.

Gráfico 2: Distribuição etária



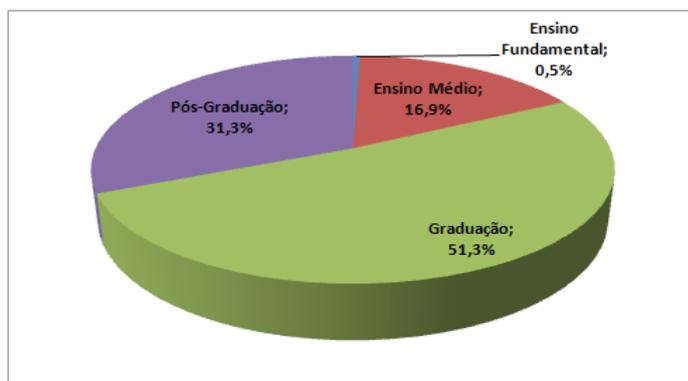
Fonte: Dados da pesquisa

5.2. Dados sobre a formação do brasileiro na Austrália

A atual política migratória adotada pela Austrália, busca também solucionar outro problema encarado pelo país, a falta de mão de obra especializada. Isto se dá, pois, apesar de apresentar um dos sistemas de educação mais conceituados no mundo, somente 18,8 % dos cidadãos australianos possuem formação acadêmica de nível superior, como mostrado em nossa pesquisa, e de acordo com os dados do Censo Australiano 2011.

Estudos recentes mostram que a saída do país, de brasileiros com nível de ensino superior, vem crescendo ano a ano. Dados da Receita Federal brasileira também apontam nesse sentido, e, como mostra o gráfico abaixo, 82,6% daqueles que emigraram para a Austrália possuem um diploma ou estão cursando uma graduação ou pós-graduação. Aliado ao fato de que 56,9% desses imigrantes têm idades entre 21 e 30 anos, podemos inferir que o Brasil está “perdendo mentes”. Mas, além disso, “mentes jovens” que estão iniciando no mercado de trabalho, e que saíram do país por não verem perspectivas de crescimento em uma carreira no Brasil – tal qual identificados nos dados de pesquisa, presentes nas figuras 1 a 5.

Gráfico 3: Perfil de escolaridade



Fonte: Dados da pesquisa



Podemos comparar os dados da pesquisa com os dados oficiais do Censo Australiano de 2011.

Tabela 4: Grau de escolaridade na Austrália (brasileiros X australianos)

	Mestrado ou Doutorado	Especialização	Graduação	College	Certificate ⁴
Australianos	1,90%	1,43%	9,52%	6,03%	15,75%
Brasileiros	9,37%	2,61%	35,74%	9,73%	7,83%

Fonte: Censo Australiano de 2011

Se incluirmos o *College* como sendo uma graduação, teremos 57,45% de brasileiros com graduação ou pós-graduação. Esse número, apesar de diferente do encontrado pela presente pesquisa, reflete duas questões importantes:

- Os dados do censo são de 2011;
- O percentual de brasileiros qualificados na Austrália, supera o da população nativa. Em termos de graduação e pós-graduação eles são 57,45% contra 18,88% de australianos na mesma situação.

De acordo com os dados absolutos sobre os imigrantes na Austrália do Censo de 2011, o Brasil ocupava a 57ª posição. Ainda trabalhando dentro dos dados absolutos do Censo, interessante notar que quando isolamos o número de Mestres e Doutores que emigraram para a Austrália, o Brasil passava a ocupar a 36ª posição. Por outro lado, ao realizarmos uma avaliação percentual (relativa), o Brasil passa a ocupar a 16ª colocação dentre os países que mais oferecem Mestres e Doutores.

Quando se avalia a quantidade de pessoas com pelo menos um diploma de graduação (incluindo *college*) o Brasil ocupa a 38ª colocação. Percentualmente isso representa a QUARTA maior qualificação entre os imigrantes na Austrália, abaixo apenas de Bangladesh, Índia e Nepal.

Tabela 5: Grau de escolaridade dos imigrantes na Austrália (ranking de origens por países)

	Origem	Mestrado e Doutorado	MBA	Graduação	College	TOTAL
1	Bangladesh	26,8%	1,9%	27,5%	8,6%	64,8%
2	Índia	20,5%	2,4%	26,1%	11,2%	60,2%
3	Nepal	12,4%	0,9%	22,8%	21,4%	57,5%
4	Brasil	9,4%	2,6%	35,7%	9,7%	57,5%
5	Malásia	9,4%	2,6%	34,6%	9,8%	56,4%
6	Rússia	12,3%	1,6%	30,2%	12,0%	56,1%
7	Canada	11,5%	2,8%	28,2%	10,8%	53,2%
8	Taiwan	14,3%	1,6%	29,1%	7,8%	52,8%
9	Indonésia	10,3%	1,6%	27,9%	10,0%	49,7%
10	Hong Kong (SAR of China)	10,5%	2,2%	28,2%	8,8%	49,7%

Fonte: Censo Australiano de 2011

Pode ser feita uma análise análoga para os imigrantes que possuem graduação ou *college*, na qual o Brasil aparece em PRIMEIRO lugar, com a maior oferta percentual.

Tabela 6: Grau de escolaridade dos imigrantes na Austrália II (ranking de origens por países)

TOTAL	Origem	Graduação	College	TOTAL
1	Brasil	35,7%	9,7%	45,5%
2	Malásia	34,6%	9,8%	44,4%

⁴ O mais próximo do que seria o Ensino Médio Brasileiro.



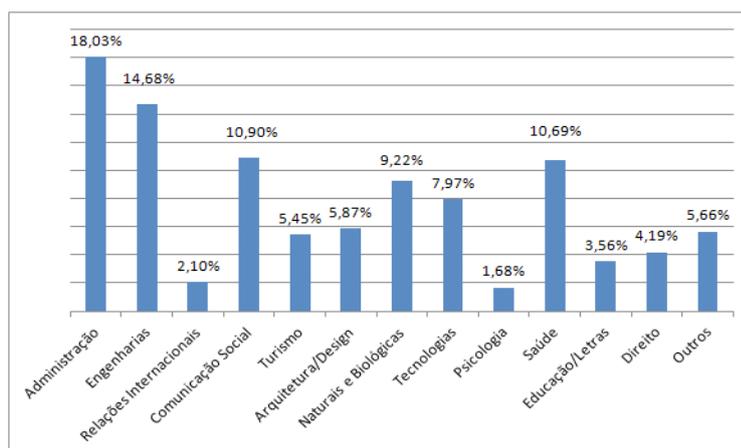
3	Nepal	22,8%	21,4%	44,2%
4	Rússia	30,2%	12,0%	42,2%
5	Filipinas	32,7%	6,8%	39,5%
6	Japão	26,9%	12,4%	39,4%
7	Zimbábwe	21,4%	17,7%	39,1%
8	Canadá	28,2%	10,8%	39,0%
9	Indonésia	27,9%	10,0%	37,8%
10	Sri Lanka	23,7%	14,0%	37,6%

Fonte: Censo Australiano de 2011

Esses são outros indicadores que refletem a boa qualificação do brasileiro na Austrália e justifica a manutenção da política daquele país para com o Brasil.

Já relativo às carreiras dos imigrantes, nota-se uma preponderância de administradores e engenheiros (32,98%). As outras áreas relevantes são a de comunicação social (10,90%), saúde (10,69%) e ciências naturais/biológicas (9,22%), que se somadas com as duas anteriores totalizariam 54,57% dos pesquisados, evidenciando uma concentração em algumas áreas.

Gráfico 4: Áreas de estudo



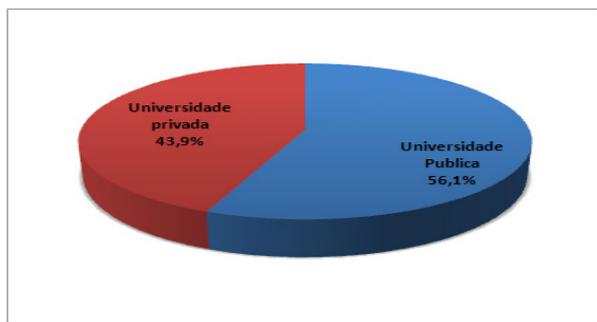
Fonte: Dados da pesquisa

O alto índice de respondentes com graduação ou pós-graduação chamou atenção dos pesquisadores quando avaliaram as primeiras respostas recebidas, e uma questão foi rapidamente discutida: em que tipo de universidade brasileira esses respondentes haviam se formado?

Para resolver essa dúvida os pesquisadores inseriram uma nova pergunta, inquirindo os respondentes se haviam estudado em universidade pública ou privada. Por conta de ser uma pergunta tardia, vale ressaltar que os dados referentes a esse gráfico ficaram disponíveis para 214 respondentes entre os quais obtivemos 187 respostas, ou seja, 87,3% das pessoas que tiveram acesso a essa pergunta, tinham graduação.

Por mais que a amostra de 214 respondentes não represente a margem de erro estatístico e nível de confiança da pesquisa, resolvemos manter essa informação exatamente pela proximidade entre o resultado geral (82,6% com graduação) com o da amostra reduzida (87,3% com graduação). Destacamos então que esse gráfico traduz apenas uma curiosidade não sustentada nas margens de erro da presente pesquisa.

Gráfico 5: Tipo de Universidade



Fonte: Dados da pesquisa

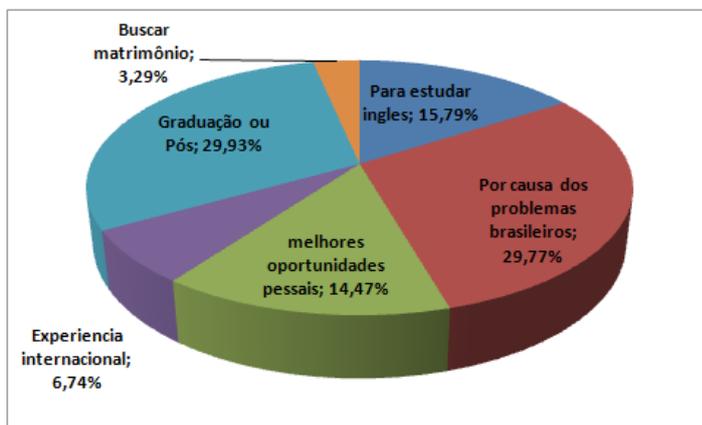
Explicada a particularidade dessa questão, um fator que aumenta a preocupação em relação a saída de profissionais qualificados é: o Brasil está custeando e formando pessoas capacitadas e não recebe o retorno desse “investimento”. 56,1% dos entrevistados que possuem ensino superior afirmam ter cursado sua graduação ou pós-graduação em universidades públicas no Brasil. Embora não se possam obrigar cidadãos a permanecer no país onde se formaram, é preciso identificar as razões que levam à diáspora brasileira – em particular a diáspora juvenil que busca países como Canadá e Austrália – para que sejam geradas opções que venham a motivar a permanência desses brasileiros qualificados.

5.3. Por que Austrália

Por que saiu do Brasil?

Já relativo aos motivos da saída do Brasil, se somarmos “por causa dos problemas brasileiros” e “melhores oportunidades pessoais” totalizam 44,3%. Já se contabilizarmos os motivos relativos aos estudos também tem peso significativo (para estudar inglês, graduação ou pós) totalizam 45,6%.

Gráfico 6: Por que saiu do Brasil?



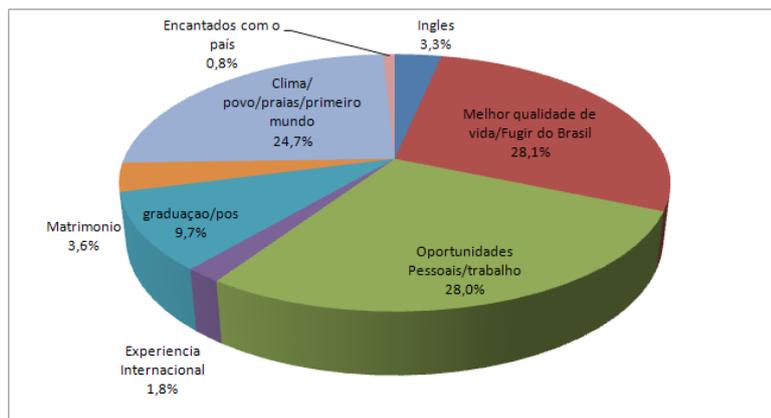
Fonte: Dados da pesquisa

Por que a Austrália te atraiu?

É curioso pensar que além das oportunidades pessoais que possam representar Austrália, a qualidade de vida e o clima têm peso relativo grande, tanto devido ao IDH maior do que o do Brasil, quanto talvez devido a um clima mais quente do que o Canadá, que seria a alternativa para jovens adultos imigrantes, saídos do Brasil.



Gráfico 6: Por que a Austrália te atraiu?

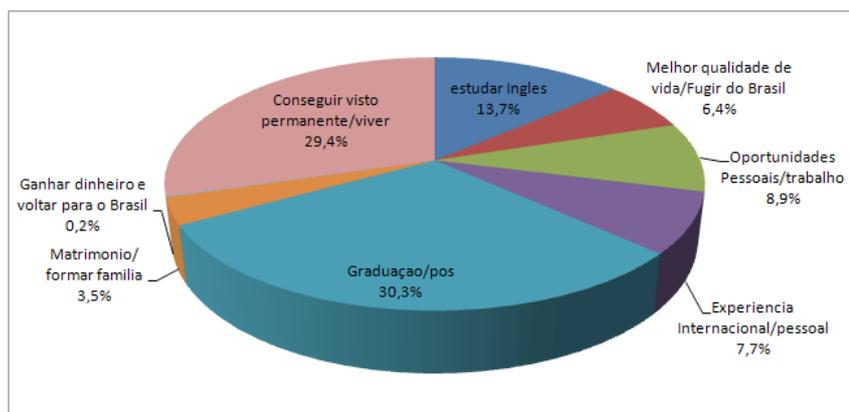


Fonte: Dados da pesquisa

Qual seu propósito na Austrália?

É também notável se pensar que 29,4% dos entrevistados almejam conseguir o visto permanente para se estabelecerem no país. Se somarmos a este contingente “oportunidades pessoais”, “melhor qualidade de vida/fugir do Brasil” e “matrimônio/formar família”, esta cifra sobe para 48,2% dos entrevistados.

Gráfico 7: Qual seu propósito na Austrália?



Fonte: Dados da pesquisa

Um estudo preliminar feito com frequência de palavras permite um aprofundamento posterior nos dados disponíveis, bem como o delineamento de pesquisas posteriores.

Para controle da frequência foi utilizado o software Nvivo® que permite a visualização do resultado através de nuvens de palavras (wordclouds). O software em tela é classificado como um CAQDAS (Computer Assisted Qualitative Data Analysis Software), que entre outras vantagens para o levantamento de frequências, permite a agregação de palavras sinônimas.

Tomando as três questões em conjunto, ou seja, todo o universo de respostas temos a seguinte nuvem/distribuição de frequência.



Figura 3: Nuvem de palavras por idade



Fonte: Dados da pesquisa

As motivações distribuídas por gênero não apresentam diferença significativa. As dez palavras mais citadas por ambos os sexos (qualidade, vida, inglês, clima, estudar, oportunidades, trabalhar, viver, aprender e Brasil) são as mesmas, com poucas diferenças de frequência. A primeira palavra com diferença significativa de frequência é ‘segurança’ mais citada pelos entrevistados do sexo feminino.

Figura 4: Nuvem de palavras por gênero



Fonte: Dados da pesquisa

No que se refere às diferenças entre os diversos níveis de escolaridade, o grupo de entrevistados pós-graduados tem grande frequência de termos relacionados à pós-graduação. Especificamente a palavra ‘doutorado’ é a que possui maior número de registros após ‘qualidade de vida’. O grupo de graduados tem frequência relevante dos termos relacionados à trabalho e emprego, enquanto os com ensino fundamental e médio são mais centrados no idioma inglês, no clima semelhante ao brasileiro e na palavra ‘estudar’ em seu uso genérico.



Figura 7: Dendrograma de motivos que tornam a Austrália atrativa



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 8: Dendrograma de propósitos na Austrália



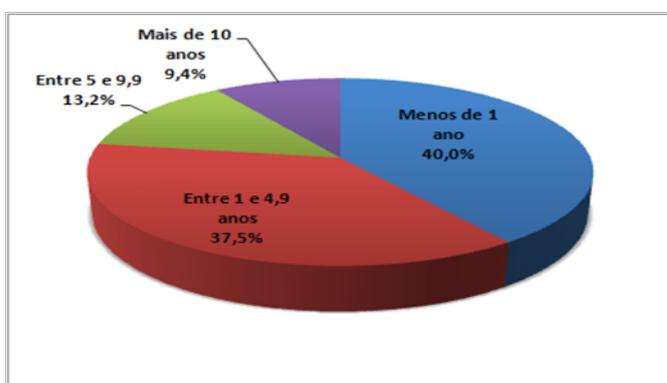
Fonte: Dados da pesquisa

5.4. Dados sobre a entrada

Há quanto tempo na Austrália?

A maioria dos entrevistados está na Austrália a menos de cinco anos, o que dá indícios de uma imigração recente ou de um processo que decolou há pouco tempo. Os 9,4% dos respondentes que afirmaram estar na Austrália há mais de 10 anos formam o grupo de pioneiros e incentivadores desta nova onda migratória descritos por Rocha (2006). O que não podemos deixar de observar é que o caráter temporário de muitos brasileiros que estão estudando na Austrália provavelmente vai promover pouca variação nesse gráfico ao longo dos anos. Por mais que o gráfico 8 indique que a intenção desses brasileiros é obter visto permanente, sabemos que apenas uma pequena parcela vai obter êxito nessa empreitada.

Gráfico 8: Há quanto tempo está na Austrália?

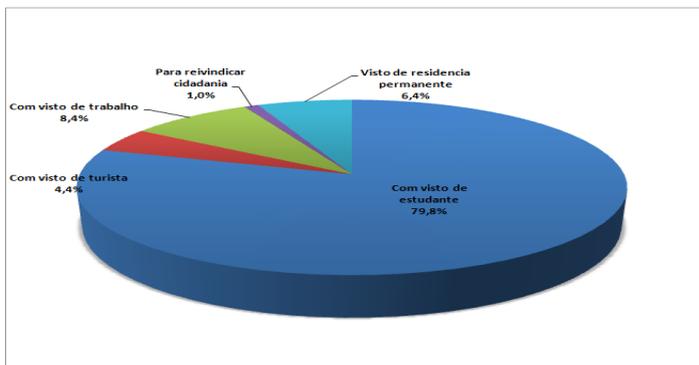


Fonte: Dados da pesquisa

Como saiu do Brasil?

Outro dado interessante é que 79,8% dos brasileiros na Austrália saíram do país com o visto de estudante. Isto é facilmente explicado se relacionarmos os dados referentes à idade dos brasileiros, o tempo que permanecem na Austrália e a motivação que os levaram até lá. Outra informação interessante e que explica a alta taxa de brasileiros portando visto de estudantes é o alto número de empresas especializadas em intercâmbio que oferecem o serviço de entrada na Austrália com visto de estudante. Uma pesquisa feita pelos bolsistas do projeto nos sites de busca da internet conseguiu identificar 53 diferentes empresas, brasileiras ou internacionais, que realizam este tipo de serviço na Austrália - algumas empresas dessa lista fazem programas de intercâmbio apenas para a Austrália.

Gráfico 9: Como saiu do Brasil?



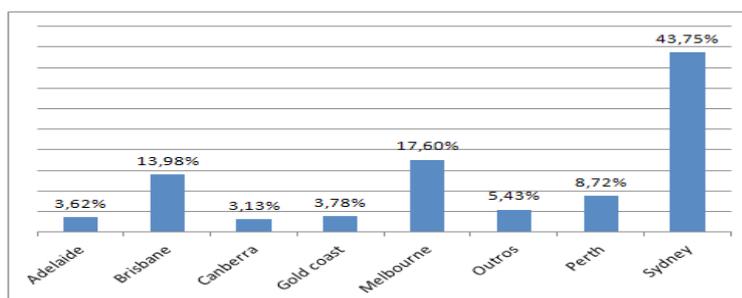
Fonte: Dados da pesquisa

5.5. Situação atual

Em qual cidade mora?

Já em relação a cidade onde está morando Sidney desponta como principal destino (43,75%) seguido de Melbourne (17,6%), Brisbane (13,98%) e Perth (8,72%), o que demonstra também que os imigrantes se concentram nas maiores cidades da Costa Australiana.

Gráfico 10: Em qual cidade mora?



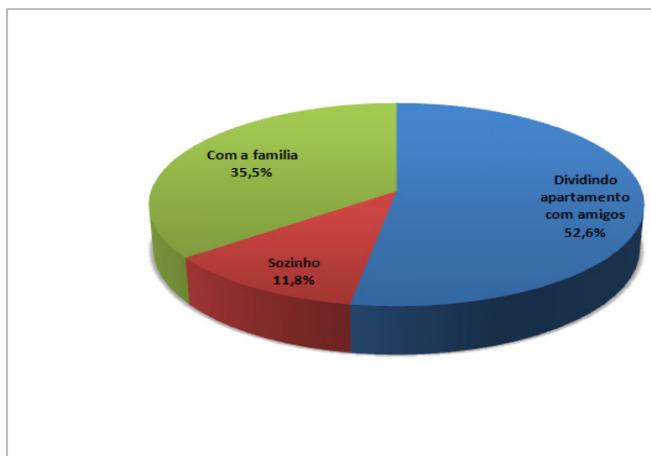
Fonte: Dados da pesquisa

Como está morando?

Já referente ao perfil de moradia, 64,4% estão morando longe de suas famílias, seja dividindo apartamentos com amigos ou morando sozinhos.



Gráfico 11: Como está morando?



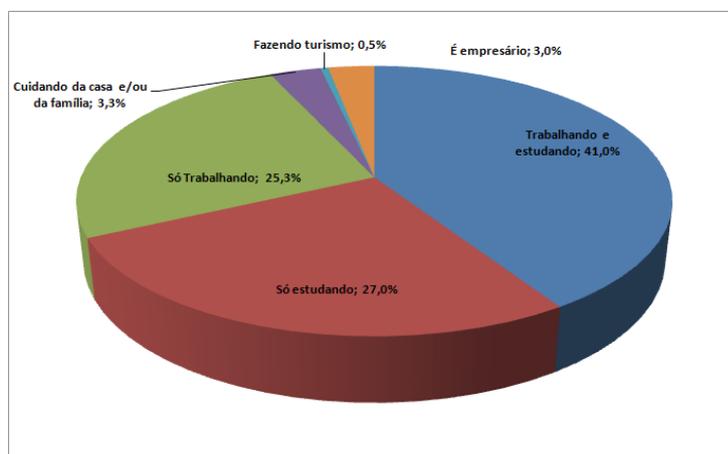
Fonte: Dados da pesquisa

Status atual

Nota-se um percentual significativo de indivíduos “trabalhando e estudando” e “só trabalhando” (66,3%). Já aparecem também 3% de empresários no universo dos entrevistados.

Se agruparmos os que estão “só estudando” e os que estão “trabalhando e estudando” chega-se a um montante ainda maior de 68% dos entrevistados, o que dá indícios que uma das principais estratégias é a de ligar a imigração aos estudos.

Gráfico 12: O que está fazendo atualmente?



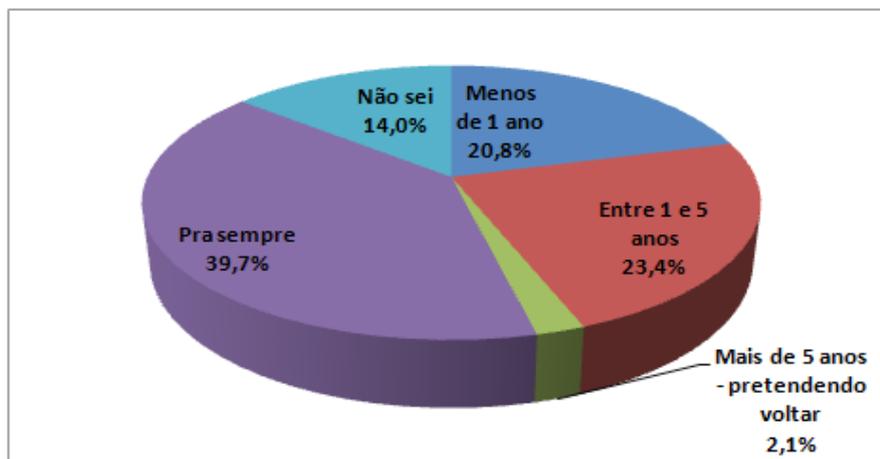
Fonte: Dados da pesquisa



Quanto tempo pretende ficar?

Outro dado relevante é a intenção de quase 40% dos imigrantes que declaram querer ficar para sempre no país. Se forem somados aos que não sabem, esta cifra passa para 53,7%.

Gráfico 13: Quanto tempo pretende ficar na Austrália?



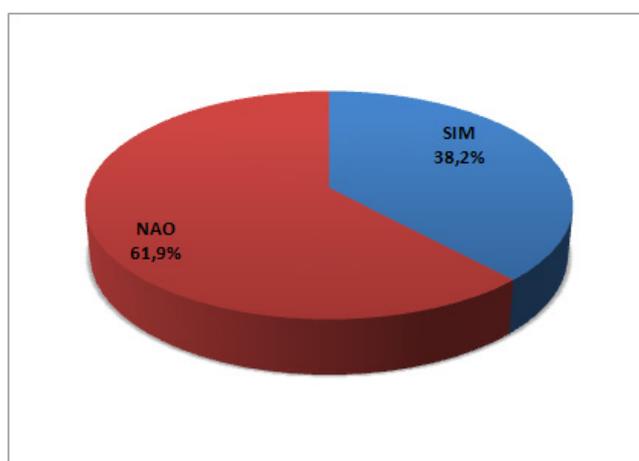
Fonte: Dados da pesquisa

5.6. Perfil empreendedor

Pretende abrir um negócio?

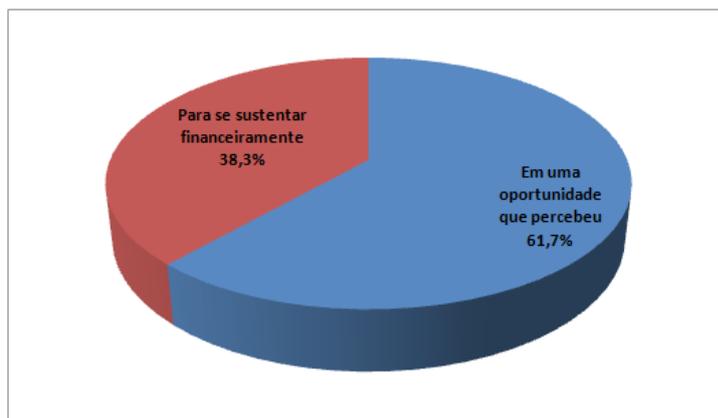
O curioso é que um número relativamente alto dos entrevistados declarou querer abrir um negócio futuramente (38,2%), sendo destes 61,7% dizem ter encontrado oportunidades para empreenderem.

Gráfico 14: pretende abrir um negócio na Austrália?



Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 15: Com base em que?



Fonte: Dados da pesquisa

6. Conclusões

Os dados da pesquisa apontam para um brasileiro na Austrália de perfil etário majoritariamente entre 20 e 40 anos, com predominância do gênero feminino, que saíram do Brasil com visto de estudantes (em sua maioria), mas que demonstram fortes intenções em se estabelecer permanentemente no país.

De modo geral, a saída dos brasileiros para a Austrália pode ser interpretada de duas maneiras:

- pela intenção de sair: diversas pessoas desanimadas com o futuro do Brasil e a falta de oportunidades;
- pelas oportunidades oferecidas pela Austrália: possibilidade de crescimento em um país desenvolvido com características geográficas (costeira) e climáticas parecidas com o Brasil. Nesse caso, o “estilo de vida praiano” foi relatado diversas vezes como um dos motivos principais para a escolha desse país.

Se houver uma efetivação das intenções migratórias apontadas pela presente pesquisa, a “exportação de mentes” tornar-se-á um fato alarmante. Não cabe ao Governo Brasileiro buscar mecanismos que previnam esse processo, no sentido de tentar dificultar a saída de jovens que vão estudar em países como Austrália, Canadá, Estados Unidos entre outros. Urgente é a discussão do fomento de oportunidades para que esses jovens não queiram sair do país.

A possível perda desses brasileiros, com boa formação acadêmica, torna-se ainda mais preocupante quando trazemos ao debate dados como o do “The Wall Street Journal” (KOH, 2016) destacando que 51% dos Startups americanas com valor de mercado superior a US\$1 bilhão foram fundadas por imigrantes. Casos como o Uber Technologies Inc., Palantir Technologies Inc. e a fabricante de foguetes Space Exploration Technologies Inc. levaram empresários como Mark Zuckerberg e Bill Gates sugerirem que o governo americano facilitasse o visto para indivíduos com potencial para desenvolvimento tecnológico.

Como sugestão de próximos estudos, convidamos interessados a investigar os concluintes de cursos de graduação no Brasil a fim de identificar intenções migratórias *versus* manter-se no Brasil. Países como o Canadá parecem oferecer oportunidades similares à Austrália, mesmo com um clima completamente oposto. Levantamentos prévios realizados pela equipe da UFF mostraram um aumento significativo dos brasileiros saindo para esse país.

A fundamental intenção do grupo de estudo da UFF é identificar comunidades empresariais de brasileiros no exterior, assim, um próximo passo para a pesquisa certamente envolve o aprofundamento desse grupo focal com pesquisa específicas.

Aos que desejarem informações complementares, correlações geradas pelo programa estatístico SPSS, ou demais dados podem entrar em contato com nosso grupo de Estudos através dos emails disponíveis na página www.uff.br/mpe-internacional.

7. Referências

BALTAR, F.; ICART, I. B. Entrepreneurial gain, cultural similarity and transnational entrepreneurship. **Global Networks**, v. 13, n. 2, p. 200-220, 2013.

EVANS Y, W. J.; DATTA K.; HERBERT J.; CILWAINÉ C.; MAY J.; ARAÚJO J. O. de; FRANÇA A. C.; FRANÇA A. P. **Brazilians in London: a report for the Strangers into Citizens Campaign. Department of Geography**, Queen Mary, University of London Mile End, London, 2007.

FIRMEZA, G. T. **Brasileiros no exterior**. Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

MARGOLIS, M. **An Invisible Minority: Brazilians in New York City**. Ally and Bacon: Massachusetts, 1998.

MRE - Ministério das relações exteriores. **Brasileiros pelo mundo: estimativas populacionais**. 2016. Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades>. Acessado em 04/03/2016;

PEDROSO, L. E. V. **O recente fenômeno imigratório de nacionais brasileiros na Bélgica**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 264 p. 2011.

ROCHA, C. **Two faces of God : religion and social class in the Brazilian diaspora in Sydney**. In P. P. Kumar (Ed.), *Religious Pluralism in the Diaspora*, 2006.

